

## Rinossinusite fúngica alérgica em paciente pediátrico: relato de caso

Daniela de Abreu e Silva Martinez<sup>1</sup>, Sérgio Duarte Dortas Junior<sup>1</sup>, Fabiana Chagas da Cruz<sup>2</sup>,  
Maria da Gloria Carvalho Barreiros<sup>3</sup>, Adriana Caroli-Bottino<sup>4</sup>, Priscilla de Souza Campos dos Santos<sup>1</sup>,  
Solange Oliveira Rodrigues Valle<sup>1</sup>, Priscila Novaes Ferraiolo<sup>2</sup>

**Introdução:** A rinossinusite fúngica alérgica (RSFA) é um subtipo de rinossinusite crônica (RSC) com pólipos nasais (PN), caracterizada por mucina eosinofílica nas cavidades sinusais expandidas e hipersensibilidade tipos I e III a elementos fúngicos. Relatamos o caso de um jovem diagnosticado com RSFA. **Relato de caso:** Masculino, 12 anos, com rinite alérgica (RA), congestão nasal bilateral, mais acentuada à esquerda. Evoluiu com abaulamento em dorso nasal à esquerda e globo ocular ipsilateral. Realizou tomografia computadorizada de seios paranasais que evidenciou velamento dos seios frontais, maxilar esquerdo e densidade elevada de células etmoidais a esquerda, remodelamento ósseo com abaulamento da parede medial do seio maxilar e lâmina orbital esquerdos, adelgaçamento do trabeculado etmoidal esquerdo e espessamento mucoso do seio esfenoidal. Hipóteses: lesão tumoral benigna, infecção fúngica e esteseuroblastoma. Foi submetido à cirurgia endoscópica com retirada do material. Exame histopatológico revelou material eosinofílico e coloração pela prata de Grocott revelou hifas de etiologia inconclusiva. A cultura para fungos foi positiva para *Curvularia sp.* Exames laboratoriais: IgE total 1963 UI/mL, IgEs positivas para ácaros. Iniciado Prednisona 0,5 mg/kg/dia por 2 semanas, e depois dias alternados por 3 meses com controle da doença. **Discussão:** No caso relatado diagnosticamos RSFA em jovem imunocompetente, com história de abaulamento em face associado a RA e PN que favoreceu o desenvolvimento dessa enfermidade por confinamento do fungo nos seios paranasais. O diagnóstico foi confirmado pela identificação da mucina alérgica, IgE total elevada, além de estudo micológico do material extraído durante a cirurgia, observando no exame direto hifas e na cultura o crescimento de *Curvularia sp.* Devido à alta taxa de recorrência o tratamento da RSFA contempla a combinação de cirurgia e terapia medicamentosa.

1. Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF-UFRJ) - Serviço de Imunologia - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
2. HUCFF-UFRJ - Serviço de Otorrinolaringologia - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
3. HUCFF-UFRJ - Serviço de Patologia Clínica - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
4. HUCFF-UFRJ - Serviço de Anatomia Patológica - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## Caracterização clínica e laboratorial da alergia ocular em crianças e adolescentes

Layra Layane Andrade Belo Rebouças<sup>1</sup>, Ana Caroline Cavalcanti Dela Bianca Melo<sup>1</sup>, Luiz Felipe Lynch Moraes<sup>1</sup>, Maria Isabel Lynch Gaete<sup>1</sup>, Décio Medeiros Peixoto<sup>1</sup>, Emanuel Sávio Cavalcanti Sarinho<sup>1</sup>, Dayanne Mota Veloso Bruscky<sup>1</sup>, Adriana Azoubel Antunes<sup>1</sup>, Ana Carla Augusto Moura Falcão<sup>1</sup>, Fabio Walkei Monte Rebouças<sup>2</sup>

**Introdução:** A alergia ocular tem classificação diversa, havendo escassez de estudos na infância. O objetivo do estudo foi identificar as diferenças clínicas e laboratoriais entre formas de alergia ocular nesta faixa etária. **Métodos:** Estudo transversal com pacientes de 5 a 17 anos de vida, atendidos em serviços de alergia e oftalmologia. Os dados obtidos por entrevista foram tabulados em planilha e analisados em percentuais e pelo teste de Fisher, com nível de significância de 0,05. **Resultados:** Participaram 35 pacientes, 19 (54%) sexo masculino. Vinte e um (60%) receberam diagnóstico de conjuntivite alérgica (CA) e 14 (40%) de ceratoconjuntivite (CC). As médias da idade atual, início dos sintomas e início do tratamento foram, respectivamente, 9,9, 4,4 e 6,6 anos, sem diferença entre os grupos com relação à idade de início dos sintomas (CC 4,1; CA 4,6 anos). Pacientes com CC apresentaram médias superiores de intensidade de prurido ocular e nasal, vermelhidão e lacrimejamento ocular, sensibilidade à luz e espirros em relação ao grupo com CA, sem diferença estatística. Os desencadeantes de crises mais citados nos dois grupos foram poeira doméstica, pelo de gato, mudanças de temperatura e infecções. Verificou-se sensibilização aos alérgenos em 67% dos com CA e 28% dos com CC. Entre as crianças com CA, 95% tinham rinite alérgica (RA), 57% asma e 24% dermatite atópica (DA). Entre os com CC, 86% tinham RA, 50% asma e 64% DA, havendo diferença significativa entre os grupos apenas para DA. Dezenove (54%) das crianças estavam em uso de colírios lubrificantes e/ou drogas de ação múltipla e 19 (29%) usavam corticosteroide ou imunossupressor tópico ou sistêmico. **Conclusões:** Chama atenção o atraso no diagnóstico da alergia ocular na infância, a maior intensidade de prurido nasal e ocular e a maior associação com a dermatite atópica entre as crianças com ceratoconjuntivite, além da falta de tratamento específico para metade das crianças, apesar do acesso a um serviço especializado.

1. Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - Recife, PE, Brasil.

2. FACENE RN - Mossoró, RN, Brasil.



## DREA - a Medicina de Precisão em paciente jovem

Orlando Trevisan Neto<sup>1</sup>, Luisa Karla Paula Arruda<sup>1</sup>, Maria Eduarda Trocolli Zanetti<sup>1</sup>, Jose Eduardo Seneda Lemos<sup>1</sup>, Wilma Terezinha Anselmo Lima<sup>1</sup>, Edwin Tamashiro<sup>1</sup>, Anne Marielle Camargo<sup>1</sup>, Fabiane Leticia Lopes<sup>1</sup>, Gabriela Chiquete<sup>1</sup>

A doença respiratória exacerbada pelo uso de aspirina (DREA) é caracterizada pela tríade de rinosinusite crônica com polipose (RSCcPN), asma e hipersensibilidade a múltiplos AINES. A DREA costuma acometer adultos entre 30 e 40 anos de idades. Os imunobiológicos têm sido amplamente utilizados, com resultados promissores, diminuindo a inflamação. Em serviço terciário de Alergia e Imunologia Clínica, atendemos paciente jovem com DREA, que não é o habitual, com boa resposta ao uso de Anti IL-4 e IL-13 (dupilumabe). **Descrição do caso:** C.H.M., 18 anos, desde a infância apresentava sintomas nasais recorrentes, principalmente irritativos, com piora progressiva, e aos 16 anos iniciou com hiposmia, concomitante refere dispnéia e tosse, sendo realizado o diagnóstico clínico de asma, com resposta parcial ao uso de corticoide inalatório (CI) associado a LABA. Fez uso de dipirona devido a cefaleia, e poucos minutos após apresentou anafilaxia. Exames: eosinófilos 1.400-10<sup>3</sup>/uL, IgE 465,80 KU/L e biópsia de pólipos nasal com 160 eosinófilos por campo. Avaliado pela equipe de otorrinolaringologia identificado pólipos nasais bilaterais e indicado cirurgia endoscópica nasal (CEN), após seis meses da realização cirúrgica os sintomas nasais retornaram, com recidiva dos pólipos, além de controle parcial da asma em altas doses de CI + LABA. Indicado então dupilumabe para o paciente, com ótima resposta, regressão dos pólipos, sem necessidade de nova abordagem cirúrgica e controle dos sintomas de asma. Scores pré-cirúrgico e imunobiológico -SNOT-22 - 70, anosmia bilateral. Pós-cirúrgico e imunobiológico - SNOT-22 - 02 e hiposmia grave e moderada. **Discussão:** O presente caso apresenta paciente jovem com quadro típico de DREA, com rápida recidiva dos pólipos pós CEN, indicado dupilumabe com excelente resposta clínica e melhora na qualidade de vida. A medicação é indicada para asma em menores de 18 anos, porém neste paciente também evidenciou ótima resposta em relação aos sintomas da RSCcPN.

1. Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto - USP - Ribeirão Preto, SP, Brasil.

## Panorama da sinusite crônica nas regiões brasileiras: implicações da qualidade do ar

Paulo Vytor Cardoso Nobre<sup>1</sup>, Isabelle Louise Lima Cassimiro De Oliveira<sup>1</sup>,  
Danillo Teles Batista<sup>1</sup>, Lívia de Lara Lopes<sup>1</sup>, Mateus Xavier Souza<sup>1</sup>,  
Enderson Fernandes Leitão<sup>1</sup>, Laura Sofia Paternina Torres<sup>1</sup>, Mauro Alexandre Caixeta<sup>1</sup>,  
Marcelo Henrique Lima Ferreira<sup>1</sup>, Therezita Maria Peixoto Patury Galvão Castro<sup>1</sup>

**Introdução:** A sinusite crônica, também denominada em estudos como rinosinusite crônica (RSC), é uma condição inflamatória dos seios paranasais que perdura por mais de 12 semanas, e podem ser influenciada por poluentes atmosféricos na gravidade da RSC. Objetiva-se compreender a relação da poluição atmosférica com a incidência de internações por sinusite crônica nas regiões e unidades federativas brasileiras entre 2018 e 2022. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo a partir de dados agregados obtidos no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponíveis no DATASUS. As variáveis foram tabuladas com base nas regiões e unidades federativas, avaliando as internações. Conforme dados atmosféricos obtidos pelo Ministério do Meio Ambiente, foram analisados dados de qualidade de ar pela plataforma MonitorAr e CETESB. **Resultados:** Entre 2018 a 2022, houveram 12.795 internações por sinusite crônica no Brasil; dessas, 52,8% ocorreram na região Sudeste, 21,5% na região Sul, 17,6% na região Nordeste, 6,3% na região Centro-Oeste e 1,7% na região Norte. Destaca-se negativamente o estado de São Paulo, com 31,2% dos casos nacionais. Nesse sentido, dentre os possíveis fatores que podem desencadear as internações, é a elevada exposição a poluentes atmosféricos, como o material particulado ( $PM_{2,5}$  e  $PM_{10}$ ) e  $O_3$ , que contribuem para a inflamação e aparecimento de agregados eosinofílicos e cristais de Charcot-Leyden. Nesse sentido, em 2022, ocorreram 81 dias de altas concentrações de MP, com qualidade de ar ruim ou muito ruim no estado de São Paulo. **Conclusões:** Conclui-se que apesar da multifatorialidade da SRC, mesmo com o alto contingente populacional, a exposição a poluentes atmosféricos, principalmente na região Sudeste, especialmente no estado de São Paulo, possivelmente contribuiu para o maior número de internações, visto os múltiplos compostos danosos as mucosas nasal e sinusal, que poderiam se relacionarem a exacerbação da SRC e justificar esse alto valor.

1. Universidade Federal de Alagoas - Maceió, AL, Brasil.

## Perfil de mortalidade por sinusite crônica no Brasil

Paulo Vytor Cardoso Nobre<sup>1</sup>, Isabelle Louise Lima Cassimiro De Oliveira<sup>1</sup>,  
Lívia de Lara Lopes<sup>1</sup>, Laura Sofia Paternina Torres<sup>1</sup>, Enderson Fernandes Leitão<sup>1</sup>,  
Danillo Teles Batista<sup>1</sup>, Mateus Xavier Souza<sup>1</sup>, Mauro Alexandre Caixeta<sup>1</sup>,  
Marcelo Henrique Lima Ferreira<sup>1</sup>, Therezita Maria Peixoto Patury Galvão Castro<sup>1</sup>

**Introdução:** A sinusite crônica, nomeada em pesquisas como rinossinusite crônica (RSC), caracteriza-se como um estado inflamatório dos seios paranasais por período maior que 12 semanas. Contudo, apesar da notoriedade clínica, a literatura carece de mais estudos epidemiológicos sobre a patologia. Objetiva-se compreender os aspectos epidemiológicos acerca dos óbitos de sinusite crônica entre 2017 e 2021. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo a partir de informações agregadas obtidas no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponibilizadas no DATASUS. As variantes foram tabuladas no programa Microsoft Office Excel 2016, avaliando as variáveis de interesse: região, ano do óbito, raça e faixa etária. **Resultados:** No recorte temporal, ocorreram 283 óbitos por sinusite crônica, dessas, 54,8% ocorreram na região Sudeste, 20,1% na região Nordeste, 12,4% na região Centro-Oeste, 7,7% na região Sul, 4,9% na região Norte. Por ano, destacam-se negativamente 2017, 2018 e 2019, com, respectivamente, 70, 63 e 68 óbitos, com posterior redução em 2020 e 2021, respectivamente, com 37 e 45 casos. Por raça, 149 (52,6%) dos óbitos por brancos, 102 (36%) por pardos, 24 (8,5%) por pretos, 2 (0,7%) por indígenas, 6 (2,1%) ignorados. Já por faixa etária, de 1 a 9 anos ocorreram 10 (3,5%) óbitos, de 10 a 19 anos 25 (8,8%), de 20 a 29 anos 14 (4,9%), de 30 a 39 anos 17 (6%), de 40 a 49 anos 26 (9,2%), de 50 a 59 anos 52 (18,4%), de 60 a 69 anos 42 (14,9%), de 70 a 79 anos 45 (15,9%), de > 80 anos 52 (18,4%). **Conclusões:** Conclui-se maior incidência de óbitos na região Sudeste, que se justificam pelo maior contingente populacional. Além disso, houve redução da mortalidade por sinusite crônica nos anos pandêmicos. Quanto à raça, brancos e pardos predominam em relação às outras, com expressivo número de óbitos a partir dos 50 anos. Salienta-se maior preocupação com as populações mais afetadas pela patologia, principalmente pacientes em idades avançadas.

1. Universidade Federal de Alagoas - Maceió, AL, Brasil.